

“A

**música
brasileira
continua
insistindo
em um
mercado
mediocre”**

Silvério Pessoa

• Daniela Araújo •

• danielaaraujo@asces.edu.br •

Considerado um dos grandes nomes da música pernambucana, Silvério Pessoa é reconhecido por um trabalho autoral que provoca e inspira tantos outros artistas. Nos últimos anos, têm conciliado as produções musicais às pesquisas acadêmicas. Em entrevista para a revista Pano de Fundo, fala sobre produção cultural e os projetos profissionais.

Você tem algum ritual na hora de compor?

Bom, eu sou um compositor espontâneo e indisciplinado. Não tenho roteiro, nenhum rito para criar. A minha criação vem muito do meu cotidiano, do que eu vejo no dia a dia. Antes eu andava com um bloco de notas, hoje uso o celular. Então, às vezes eu tenho uma ideia, posso até estar caminhando, ensaiando, chego lá no celular e faço a anotação de uma palavra e nisso vou desenvolvendo um tema. Estou com um conjunto de seis canções. Desenvolvi um tema ainda no Sul da França, há dois anos, e venho escrevendo essas canções aos poucos. O meu ato criativo é muito espontâneo, muito insólito.

Como é a experiência da aula-espetáculo para você?

É uma atividade que desenvolvo há quase 20 anos. É silenciosa. Eu não divulgo (risos), mas, na realidade, eu venho com conferências, seminários, cursos de extensão, formação docente, encontro com jovens. Paralelo ao show, recebo convites e converso com professores, organizo um tema e nesse contexto é muito prazeroso, porque eu utilizo a pedagogia com a música, algo que eu sempre acreditei, a arte inserida dentro do contexto educativo. Então, é muito bacana. Recentemente, fiz na Zona da Mata Sul, Fundação Joaquim Nabuco, Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire). Já estive, inclusive, na Ascés-Unita há alguns anos, com o projeto Trans-forme, conversando com os jovens sobre música e empreendedorismo.

Sala de aula ou palco? O que mais lhe fascina?

Os dois. Na realidade, a sala de aula é um espaço artístico. Paulo Freire não acreditava neste termo, “educação artística”, mas na sala o professor é um agente artístico. Ali ele está desenvolvendo uma projeção de sociedade, não existe educação neutra. O educador tem uma vinculação política com o projeto pedagógico dele e da instituição. A sala de aula é artística. Mas, ao mesmo tempo, o palco funciona como uma sala de aula. É ali que eu vou multiplicando minha cultura, que multiplico o meu olhar sobre a sociedade através de minhas canções. É ali que eu me exponho também como educador, como professor.

Qual o seu maior desafio enquanto artista?

É continuar trabalhando com música e morar em Pernambuco. Não só para mim, como para outros colegas. Até mesmo com o processo de globalização, das redes sociais, o mundo virtual encurtou muito as distâncias. Hoje questiona-se no mundo, no cotidiano artístico, se é preciso morar no Rio ou em São Paulo para fazer sucesso, ser visível, ter visibilidade (se é que existe isso hoje). Não, não é mais necessário. Porém, o desenvolvimento artístico em Pernambuco tem um limite, ele ainda bate num teto. Você chega em um momento que quer romper com o limite e não consegue. Talvez São Paulo, pela dimensão da cidade, pela amplitude das possibilidades, ainda seja um canal muito produtivo.

Você acha que a identidade do artista consegue ser mantida, mesmo aqueles que se alicerçam no eixo Rio-São Paulo?

Depende do artista. Eu canto a minha cultura, amo dialogar com o mundo contemporâneo, com a guitarra, com a música eletrônica, com os recursos tecnológicos, continuo sendo Silvério Pessoa. Que traz todo esse cheiro de Zona da Mata, do engenho, da linguagem, do meu sotaque. Isso eu acho que o Rio e São Paulo ou nenhuma outra cidade consegue fazer. Agora, depende de você, de como vai se postar diante de um mercado.

Você se sente um desbravador de uma nova maneira de rever a nossa cultura? Como você avalia a releitura que faz de grandes nomes como Jackson do Pandeiro, Jacinto Silva, Luiz Gonzaga?

Bom, desbravador soaria como presunçoso. Tenho que ter muito cuidado com isso. Faço parte de um núcleo de artistas populares que zela, reverência, sua ancestralidade. Sou muito melancólico, ela me faz muito bem e é uma melancolia que consegue ir lá no passado se identificar e trazê-lo para o presente. Nisso Chico Science foi fundamental, porque ele tem uma frase que diz “Faça o que você é, que dá certo”. Chico disse isso no início do Movimento Manguebeat, que hoje continua emblemática, dando frutos, continua reverberando. Sou fruto dessa movimentação, da perda de ser aquilo que é, de usar uma roupa parecida com as coisas do seu povo, de não se intimidar como você fala, de assumir sua culinária, sua sonoridade.

→

***Essa reinvenção tem valido a pena?
Tem sido uma luta justa?***

Justa, nunca foi. O artista popular já tem nessa classificação um tratamento de valor e de juízo de valor diferenciado do chamado artista “nacional”. O que você tem hoje no Brasil é uma gaveta, ou várias gavetas, que denominam o artista nacional e o artista regional. E nisso, estabelece assim um tratamento diferenciado e injusto, brutal (o valor do cachê, a demora do artista popular ser remunerado). O horário no qual ele se apresenta, a divisão desigual de programação de palcos públicos. Na realidade, não é justo. Não sendo justo, é uma luta. E essa luta é contínua.

Como você definiria o cenário atual da música brasileira?

Bom, a música brasileira continua insistindo em um mercado medíocre, que a rádio continua multiplicando. Então, você tem o popularesco, que é um desserviço para a cultura brasileira, ridículo inclusive. Absurdo, bizarro, grotesco. Isso aí existe porque tem alguém que consome.

Acho que a música brasileira tem esse traço, porém tem um outro traço que são os músicos independentes, os músicos insurgentes que, cada vez mais, se multiplicam com uma qualidade maravilhosa de texto, música de ambiente sonoro. São tantos que nem vou citar nomes.

Mas existe um mercado intermediário, que é muito valioso para você ir e assistir um show. Você tem também o pró-



Foto: Leonardo Gomes

“Eu sou a favor de um mercado que tenha como consumidor aquele que opta”, diz Pessoa, afirmando que a escola deve estimular o discernimento nos alunos

prio público, sedento de políticas públicas que valorizem essa camada intermediária e, nesta camada, está o artista popular.

Então, podemos nos ater à luta dos injustiçados para se ter música de qualidade?

Eu não diria injustiçado, eu diria insistentes, insubordinados que, mesmo sem patrocínio público, cantam, criam, dançam. Neste contexto, estão os eventos da religiosidade popular, as procissões, as quermesses, o calendário sagrado pernambucano, a cultura popular, o rei e a rainha do maracatu, os terreiros também com suas festas, eu diria os resistentes.

A gente vem perdendo muito em políticas públicas, com relação a isso, mas eu acho que vai haver uma virada, uma guinada, acho que o grande momento revolucionário é a cultura continuar sendo proliferada, a grande festa é essa.

A mídia tradicional presta um desserviço nesse propósito e a internet seria um canal/opção para conseguir atingir esse público também, além da escola?

A publicidade só sobrevive na realidade, quando ela é contratada para vender um produto, que pode ser um político, uma margarina ou a carne bovina embalada a vácuo para churrasco. A publicidade vive disso, não é? A partir do momento que você tem acesso à internet, torna-se seu próprio agente de divulgação. Isso já é um confronto, já é um equilíbrio, uma democracia, algo que se sugere ao público consumidor. A internet é uma outra grande escola, para a democratização dos espaços. A mídia tem um papel positivo quando ela trabalha ao lado da classe economicamente desfavorecida e dá continuidade aos projetos de consumo. O mundo midiático cria seus projetos, seus produtos e cabe ao povo fazer essa seleção.

Como você tem observado o comportamento do público nos diferentes países que tem visitado, em relação ao consumo cultural?

Bom, eu tenho uma base na Europa, na França, já há doze anos. Tenho discos que são inéditos no Brasil, mas que continuam no mercado europeu, principalmente no mercado francês. O que percebo é que o público brasileiro, para assegurar o seu poder aquisitivo, só consome aquilo que conhece e garante seu ingresso para uma festa perguntando quem vai cantar? Quem vai tocar? De acordo com quem vai tocar ou cantar, normalmente você investe naquilo que você vê, ouve no rádio ou está na televisão. Isso é natural e até lógico: como você vai consumir aquilo que você não conhece? Já no mercado europeu é um pouco diferente, o público frequenta os locais nos quais o

Silvério Pessoa, vindo como músico do Nordeste do Brasil, lota um espaço. As pessoas pagam o ingresso para ver um artista que não conhecem, que não toca na rádio, que não está na televisão, mas que está respaldado ali, tem uma credibilidade com o festival que está lhe convidando.

Quais seus planos para este ano?

Ainda não parei para pensar em 2017. O que me vem imediatamente à cabeça é terminar de escrever a minha tese de doutorado, que é um desafio muito feliz. Gosto muito de escrever daquilo que estou pesquisando. Incentivo muito o jovem a pesquisar. É uma aventura maravilhosa. Estou lançando meu livro chamado 'Religiosidade popular, França e Pernambuco em diálogos'. É um livro que fala da minha pesquisa de mestrado, entre o Sul da França e Pernambuco, descobrindo seme-

"Gosto muito de escrever daquilo que estou pesquisando. Incentivo muito o jovem a pesquisar. É uma aventura maravilhosa."

lhanças entre a religiosidade popular dos dois povos. Foi também uma aventura maravilhosa no Sul da França, então eu pretendo escrever a minha tese de doutorado. Esperar o centenário de Jackson do Pandeiro, um disco que acabei de lançar cantando Jackson do Pandeiro. É um sonho realizado. É isso. Acho que imediatamente é isso. Tem um Brasil se reorganizando politicamente, são novos mapas político-partidários, novos gestores públicos e eu quero fazer parte desse momento, como um artista otimista. Participando de momentos otimistas, para que tudo isso dê certo. Meu plano inicial é esse.

→

Foto: Leonardo Gomes

"No mercado europeu, é um pouco diferente. O público frequenta os locais nos quais o Silvério Pessoa, vindo como músico do Nordeste do Brasil, lota um espaço. As pessoas pagam o ingresso para ver um artista que não conhecem, que não toca na rádio, que não está na televisão, mas que está respaldado ali, tem uma credibilidade com o festival que está lhe convidando"





2015

Prazer, sou cabeça feita!

Resignificação da tradição, com fidelidade à sonoridade e à estética do cantor e compositor Jackson do Pandeiro. Cabeça Feita é um projeto maduro, consistente, resultante do envolvimento pessoal e afetivo com a obra de seu mestre.

Produzido por Silvério e Renato Bandeira (Spok Frevo Orquestra), o disco compila sambas, rojões, xotes, forrós e cocos do paraibano, considerado o Rei do Ritmo. São 22 músicas, em 15 faixas: as já conhecidas Cabeça Feita, A Ordem é Samba, Mané Gardino, Na Base da Chinela; pout-pourris com Vou de Tutano, Forró em Limoeiro, Cremilda; e ainda Coco Social, Casaca – uma verdadeira viagem à memória sonora popular.

2012

CD *ForrOccitânia - Silvério Pessoa & La Talvera*
DIÁLOGO INTERCULTURAL ENTRE NORDESTE-OCCITÂNIA



2011

CD *Collectiu - Encontros Occitans*
RESULTADO DE UMA PESQUISA COM BANDAS DO SUL DA FRANÇA.



2011

CD *No Grau*
CANÇÕES AUTORAIS QUE RESSALTAM ELEMENTOS DO ROCK.



2009

CD *Projeto Ciclos*
RELACIONADO À RELIGIOSIDADE DO ARTISTA E TRAZ O QUE ELE CONSIDERA "CANÇÕES PLANETÁRIAS".



2007

DVD *Cabeça elétrica, Coração Acústico*
GRAVADO NO TEATRO DE SANTA ISABEL, NO RECIFE, REGISTRA A TEMPORADA DO CD CABECA ELÉTRICA, CORAÇÃO ACÚSTICO E APRESENTA A MÚSICA TRADICIONAL TOCADA DE MANEIRA CONTEMPORÂNEA.



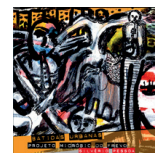
2005

CD *Cabeça Elétrica, Coração Acústico*
DISCO AUTORAL QUE CONTA COM PARTICIPAÇÃO DE DOMINGUINHOS, LENINE, ALCEU VALENÇA, SIBA, LULA QUEIROGA, ZÉ VICENTE DA PARAÍBA E IVANILDO VILA NOVA.



2003

CD *Batidas urbanas (Projeto Micróbio do Frevo)*
REVISÃO DA OBRA CARNAVALESCA DE JACKSON DO PANDEIRO. RECEBEU NOTA MÁXIMA DA FOLHA DE S.PAULO, REVISTA VEJA E ROLLING STONES ARGENTINA.



2001

CD *Bate o Mancá: o povo dos canaviais*
BASEADO NA OBRA DO CANTOR E CANTADOR ALAGOANO JACINTO SILVA. O ALBÚM RECEBEU QUATRO ESTRELAS DA REVISTA LE MONDE DE LA MUSIQUE E FOI SELECIONADO COMO UM DOS MELHORES LANÇAMENTOS DO ANO PELA REVISTA VIBRATIONS, AMBAS DA FRANÇA.

